

Cuba: a história e o presente por José Luis Rodríguez

Ex-Ministro de Finanças e Preços (1993-1995) e Ex-Ministro de Economia de Cuba (1995-2009)

Aline Marcondes Miglioli

202

Em dezembro de 2022 retornei à Cuba com uma missão: conversar com o Ex-Ministro José Luís Rodríguez sobre o que estava acontecendo na economia do país. O motivo para esta entrevista era de recolher material para um livro, que está sendo organizado e será publicado pela editora Elefante em 2023, e a escolha do Ministro como entrevistado também tinha um sentido: José Luis foi Ministro da Economia durante o Período Especial e foi um dos responsáveis pelo plano econômico que tirou o país de sua maior crise econômica desde 1959, por isso nós queríamos saber o que ele pensava sobre a nova crise econômica em Cuba, marcada pelos efeitos da pandemia de COVID-19, pela queda na atividade turística, pela emigração em massa e pela inflação. A questão que pairava no ar nas ruas de Havana era: se trata de uma crise semelhante? O que esta por vir?



A conversa com José Luís tinha sido programada para durar apenas uma hora e tinha como tema a reflexão mais abrangente sobre a crise cubana atual. No entanto, a história de vida de José Luís é também a história da Revolução Cubana, de forma que esta entrevista se transformou em uma grande aula da história do processo revolucionário, assim como uma rica análise de conjuntura sobre a Nova Ordem Mundial. É com intuito de divulgar a profundidade das reflexões que eu pude escutar em um dezembro ensolarado, nas salas no Centro de Estudos de Economia Internacional (CIEM) em Miramar (Havana), que reproduzo aqui o conteúdo completo de nossa conversa.

Boa leitura!



|Aline Miglioli| Ministro José Luis, antes de começar eu gostaria de te perguntar sobre sua formação acadêmica. Você é economista de formação?

Eu comecei a trabalhar em 1962, faz 60 anos que eu trabalho. Eu estudei para ser técnico de contabilidade para a carreira que chamávamos em 1963 de "contador privado". Neste momento eu estava trabalhando em uma empresa do Instituto da Pesca. Comecei lá como oficial de escritório, depois oficial de contabilidade, depois subcontador, depois contador até que cheguei ao cargo de planejador. Isso tudo foi muito rápido, cerca de três ou quatro anos e logo depois eu cheguei ao Ministério da Pesca.

Quando cheguei ao Ministério da Pesca, este estava passando por mudanças e por isso, me ofereceram um cargo na Universidade de Havana. O cargo era para ingressar primeiro como aluno - porque eu não estava graduado ainda - e depois assumir a carreira como professor. Eu aceitei o convite e entrei na universidade em 1967. Me graduei no ano de 1969 no curso de formação de trabalhadores e logo comecei a trabalhar no departamento de Economia Política, dando aula nas disciplinas de Economia Política do Capitalismo e Economia Política do Socialismo.

Paralelamente eu cumpri funções sindicais, fui secretário geral do sindicato dos trabalhadores da Universidade de Havana (UH), antes das áreas tecnológicas e de ciências médicas serem desmembrada da UH.

Eu estive na universidade até o ano 1978, quando me ofereceram uma vaga para fazer o doutorado na União Soviética. Eu fui e com os estudos que já tinha feito em Cuba, consegui terminar o doutorado em nove meses. Então eu regressei para dirigir o Centro de Pesquisa de Economia Internacional, que é um centro paralelo a este em que estamos (o CIEM). O CIEI foi criado em 1973 ou 1974 e eu fui diretor por apenas um ano, pois então já havia sido criado o CIEM e me pediram para assumir como subdiretor. Estive nesta posição e dirigir o departamento de países socialistas até 1993.

No ano de 1993 me pediram para que eu assumisse o Ministério de Finanças, que depois virou Ministério de Finanças e Preços. Eu fiquei no cargo por dois anos e depois saí para ser Ministro de Economia. Comecei neste novo cargo em maio de 1995, e fiquei até março de 2009. Neste período também fui vice-presidente do Conselho de Ministros. Ao total, fiquei no Ministério por 16 anos, sei que não bati nenhum record, mas é



preciso reconhecer que é bastante tempo.

Depois que eu sai do Ministério eu voltei a trabalhar aqui no CIEM e estou aqui desde 2009, com outras múltiplas responsabilidades fora do centro, como por exemplo, atualmente sou assessor de diversos organismos.

|Aline Miglioli| Falando agora um pouco mais sobre economia. Ao estudarmos a história econômica da Revolução, nós podemos encontrar um pouco da influência de diversas correntes teóricas - para além da influência soviética - nas políticas econômicas, como por exemplo, da própria CEPAL. Eu queria saber quais foram as principais influências teóricas que embasaram as políticas econômicas durante a Revolução.

Quando a Revolução começou em 1959 vieram diversos especialistas latino-americanos para trabalhar aqui em Cuba e para ajudar o país, porque praticamente não havia economistas graduados, não existia a carreira de economista na Universidade de Havana, somente em uma universidade privada em Vilas Nuevas e na Universidade do Oriente. Havia poucos graduados e aqueles que haviam, se foram do país.

Com estes especialistas latino-americanos, veio um economista mexicano à frente do grupo da CEPAL, o Juan Loyolla, que já tinha alguma experiência em Cuba, porque ele tinha participado de um estudo feito pela CEPAL no ano de 1951 sobre a economia cubana. Ele também havia trabalhado com outros economistas cubanos na CEPAL, como por exemplo o Felipe Passos e o Regino Bote, este último seria nomeado Ministro de Economia e o Felipe, presidente do Banco Central após 1959. Nesta primeira etapa que vai de 1959 até 1961 as políticas econômicas promoveram a mudança estrutural na propriedade, por exemplo, com as nacionalizações. Em 1961 começou uma nova etapa, a de criar a estrutura de economia de um país socialista, para a qual contou-se também com uma forte assessoria da CEPAL, de forma que entre 1961 e 1963 se desenvolveu uma estratégia de industrialização substitutiva de importações, que era a tese da CEPAL naqueles anos, principalmente a tese de Raul Prebisch.

O país não estava preparado para industrializar-se, porque não tínhamos elementos mínimos para promover a industrialização, como por exemplo, a escolaridade da força de trabalho, que era de apenas dois anos de estudo. Por isso, o que se produziu de fato foi uma queda da produção total e foi preciso interromper esta estratégia em 1963.



Neste mesmo momento nós conseguimos firmar acordos com a União Soviética para acessar o mercado de açúcar soviético, que era um mercado gigante. Por estes acordos nós lhe venderíamos 24 milhões de toneladas de açúcar em cinco anos ao preço fixo de 6,1 centavos à libra, era um bom negócio! Começamos então a desenvolver uma estratégia para a industrialização, por exemplo, através da qualificação geral da força de trabalho. E junto a ela, nós desenvolvemos a produção açucareira que, apesar de não haver alcançado a meta de 10 milhões de toneladas de açúcar em 1970, foi capaz de produzir 8 milhões 200 mil... um *record* para Cuba naquele momento. Isso permitiu a intensificação tecnológica na agricultura e passou e o desenvolvimento da ciência em Cuba, de forma que em 1965 criou-se o Centro Nacional de Pesquisa Científica, que é o embrião do desenvolvimento científico de biotecnologia na ilha.

Nos anos 1970 nós fizemos uma revisão de aspectos do sistema de planejamento que não haviam funcionado muito bem até aqueles anos, consideramos naquele momento que tinha havido um pouco de idealismo por nossa parte e uma outra série de outras coisas que nos levaram a corrigi-lo. Então, começamos o período que em Cuba ficou conhecido como Primeira Ratificação da Direção da Economia.

Em 1972 Cuba ingressou ao CAME¹ e então começou uma aproximação de outra natureza com o bloco socialista, mais intensa com a União Soviética e em menor escala com os outros países socialistas. Desta forma, nos anos de 1975 se planejava uma estratégia de industrialização gradual da economia cubana, cuja base econômica seria principalmente o desenvolvimento da indústria básica, do níquel, da produção de máquinas e sementes. Ademais, ela foi acompanhada de um processo de colaboração econômica muito intensa com o CAME. Por exemplo, naquele momento nós tínhamos o preço das exportações indexado ao preço das importações da União Soviética, de forma que a relação de termos de troca não fosse prejudicada, o que permitiu avanços muito importantes para Cuba.

Esta etapa prosseguiu até 1986, momento em que houve uma mudança no governo soviético. Entrou M. Gorbatchov e uma das primeiras medidas que ele adotou foi eliminar esse indexador dos preços, com isso ele

¹ NT: Corresponde ao Conselho de Assistência Econômica Mútua (COMECON em Russo), uma organização de cooperação econômica entre os países do bloco comunista. Era integrado pelos países comunistas do leste europeu, pela URSS e por Cuba.



nos causou uma perda das relações de troca de 30% entre 1986 e 1990. O país então identificou a necessidade desenvolver outros setores que gerassem moeda estrangeira. Foi neste momento que Cuba abriu-se para o turismo. Ou seja, o turismo sempre existiu, mas nunca havia sido estimulado porque eram conhecidos os fatores que iriam acompanhar o turismo, como por exemplo, a prostituição, as drogas, as doenças que são trazidas desde o estrangeiro, etc. Bom, neste momento não havia outra alternativa que não desenvolver o turismo. Já existia a possibilidade de investimento estrangeiro neste setor desde o ano de 1982, com o Decreto Lei número 50, e haviam começado a operar aqui as primeiras empresas mistas², com capital principalmente mexicano. Elas correspondiam aos primeiros hotéis, que foram criados nos primeiros três anos, entre 1987 e 1990.

Em princípios de 1991, Cuba já vinha percebendo claramente o que estava ocorrendo na URSS e já sentia os efeitos da política econômica da *perestroika*, que introduziu mecanismos de mercado na economia planejada. A União Soviética desapareceu em dezembro de 1991 e Cuba já havia [predito] previsto esta possibilidade em 1989. Estávamos pensando que "bom, se ela desaparecer, seguiremos de todos os modos o caminho socialista".

Ainda assim, em 1991, iniciou-se uma etapa de emergência para a economia cubana, porque o impacto [do fim da URSS] foi colossal. O Produto Interno Bruto de Cuba caiu 35% entre 1989 e 1993. Este momento da história ficou conhecido como Período Especial. Nele, a meta fundamental era sobreviver ao impacto do fim da URSS e do campo socialista e redesenhar a economia. Tínhamos que nos reposicionar na economia mundial sob estas novas condições e isso foi um processo difícil... muito difícil. A economia e sobretudo a sociedade foram muito afetadas, principalmente as pessoas. Nós tivemos episódios de avitaminose na população por falta de comida; tivemos uma série de epidemias, como por exemplo a síndrome de Guillain-Barret, que é uma doença que ataca exatamente pela debilidade do sistema imunológico, paralisa as pessoas e as mata. A incidência foi forte entre 1992 e 1993 até 1997. Nós comíamos nestes anos por volta de 1800 calorias, segundo os registros do consumo calórico e proteico deste período. Nós ingeríamos em média 6 gramas de

² Empresas mistas são empresas compostas por capital estrangeiro (com participação de até 49% do capital social da empresa) e capital estatal cubano (com participação mínima de 51% no capital social da empresa).



proteínas diárias, quando o mínimo considerado saudável era de 56g. Isso provocou situações muito complicadas, incrementou as dificuldades para o crescimento da população, a taxa de natalidade foi afetada e a taxa de mortalidade também.

Ainda assim, com esforço próprio - porque neste momento não existia mais campo socialista e mais ninguém para nos ajudar - conseguimos sair da crise. Levamos 15 anos para recuperar o PIB do ano de 1989. Podemos dizer que a primeira fase do Período Especial foi concluída em 2004.

Em 2004 nós já tínhamos há algum tempo boas relações com a Venezuela e o governo de [Chaves],Chávez nas quais nós comprávamos petróleo a preço de mercado e fazíamos colaborações nas áreas de saúde, assistência, educação etc. Mas neste ano de 2004, finalmente aconteceram duas coisas: primeiro, a Alternativa Bolivariana para o Povo da nossa América - ALBA - foi criada e com ela se consolidou um sistema de relações econômicas e políticas muito diferentes ao que existia até então. Isso foi na época da primeira etapa dos governos de esquerda na América Latina, com Chávez, Correa, Lula etc. Segundo ponto, a Venezuela - que estava se beneficiando dos altos preços de petróleo neste momento - decidiu começar a pagar pelas cooperações nas áreas de saúde, assistência e educação. Isso mudou o sinal da balança comercial de Cuba: de uma balança comercial negativa, passamos a uma balança comercial positiva.

Entre 2000 e 2009, nós vivemos a Batalha de Ideias, em que organizamos a retomada dos níveis de educação, de saúde e de alimentação da população. Pudemos avançar muito nestes anos devido aos recursos financeiros que estavam disponíveis para nós.

Quando a crise [mundial] de 2007 e 2008 rompeu, nós percebemos que nosso ponto mais fraco era a dependência externa e sobretudo o endividamento externo. Nós havíamos nos endividado e não existia dentro do país os recursos para pagar nossas dívidas. Ou seja, a dívida não era sustentável. Em 2009 tomou-se a decisão de elaborar uma nova estratégia, que foi aprovada em 2011, composta de: colocar em primeiro plano a necessidade de um equilíbrio financeiro externo e a sustentabilidade da dívida externa, junto com outras transformações que o país tinha que enfrentar para tornar o investimento estrangeiro mais eficiente, além de uma reforma fiscal. Ou seja, um conjunto de transformações que se chamou "Atualização do Modelo", e que foi importante, mas também muito complicado.



Esta estratégia [de Atualização do Modelo] colocava um prazo de cinco anos para chegarmos a uma taxa de crescimento de 5%, com uma taxa de investimento de 25%. Isso não foi possível. Do programa de desenvolvimento, que é chamado de "*Lineamientos*"³ da política econômica e social da Revolução, foi possível cumprir até 2016 somente 21% [dos pontos], de forma que faltava ainda 77% em processo. Houve um atraso considerável em realizar a reforma.

Tudo isso que estou te contando está ocorrendo frente ao bloqueio norte-americano⁴ [contra Cuba], pois o bloqueio não desapareceu e tampouco não se tornou mais brando ao longo destes anos e por isso, tornou mais difícil o nosso acesso à economia internacional e às finanças internacionais.

Nossas relações com os EUA nunca melhoraram. Houve um ponto de inflexão em 2014, quando as relações com os EUA foram temporariamente reestabelecidas. Veja, até este momento, desde de 1961 não tinha havido nenhuma relação diplomática entre Cuba e os EUA! Houve somente a abertura de escritórios de interesse (para embaixadas) em 1978 em ambos países, mas não havia relações diplomáticas normais, até que começou este processo em 2014, com [Barack] Obama.

Obama tinha uma política de reconhecer que o bloqueio não havia funcionado, que não tinha promovido a "mudança de regime" para um "governo democrático" - como eles chamam - e que então era preciso ir por outros caminhos. Veja bem, neste momento o bloqueio não foi renunciado, mas tratou-se de tirar gradualmente algumas medidas o compunham. Isto provocou um efeito-demonstração positivo para Cuba, porque imediatamente o mundo inteiro se deu conta de que haviam outras possibilidades de relação com Cuba se o bloqueio norte-americano se tornasse mais brando. Nesta época diversos presidentes e primeiros ministro vieram à Cuba (2015) e a economia cresceu 4,4%, uma taxa que é muito maior do que aquela dos cinco anos precedentes.

Frente a este cenário positivo, em 2016, nós elaboramos o Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social para 2030 e um documento chamado "A conceitualização do modelo cubano", que traça as

³ NT: Diretrizes.

⁴ NT: De maneira simplificada, o bloqueio corresponde ao conjunto de leis que proíbe empresas norte-americanas de comercializar com Cuba ou com outras empresas que comercializam com Cuba e desta forma expande o embargo comercial norte-americano à Cuba para o cenário mundial.



linhas fundamentais do desenvolvimento do país e elege seis eixos fundamentais promove-lo. Este plano começou a ser implementado em 2016 e neste momento parecia que no próximo período nós teríamos um crescimento possível e maior do que 5%... até que chegou o Sr. Trump.

A partir de julho de 2017 ele [Trump] começou a aplicar uma série de medidas adicionais ao bloqueio. Ao invés de seguir a linha de Obama, ele fez ao contrário. Ao longo do seu mandato ele introduziu 241 medidas adicionais, as quais o colocaram o bloqueio em um novo patamar, porque foram fechados os caminhos que permitem que a economia cubana funcione. O último movimento Trump fez na sua despedida, nos primeiros dias de janeiro de 2021⁵, quando ele colocou Cuba novamente na lista de estados patrocinadores do terrorismo. Com isso, fica interrompido completamente o movimento de capitais estrangeiros para Cuba, pois nos bancos, quando você vai fazer qualquer transação com Cuba aparece um letreiro escrito "terrorista" e o próprio computador não te permite seguir. Ou seja, o bloqueio foi muito fortalecido.

Além do acirramento do bloqueio, em 2020 Cuba passou por uma verdadeira tormenta com a pandemia [de coronavírus] e que durou pelo menos durante 2020 e 2021. Agora, podemos dizer que ela está contida, mas não desapareceu nem de Cuba e nem do mundo. Com ela a crise internacional se tornou mais aguda e para arrematar, neste ano [2022] tivemos a guerra da Ucrânia. O bloqueio e a pandemia causaram a redução do PIB Cubano em 10,9% em 2020, quase 11%. Ainda assim, no começo de 2021 caiu mais 2% e logo recuperou ao longo do ano e no ano seguinte cresceu, mas cresceu somente 1,3%, enquanto o plano de crescimento previa 6%.

Toda essa situação criou uma nova tensão e novo problemas para a economia cubana. Dentro de tudo isso, se constatou que das transformações que queríamos promover até 2016, somente 21% havia sido realizado e, portanto, desde 2019 se tratou de acelerar este processo. O que aconteceu a seguir? Ninguém tinha previsto a pandemia e por isso, seguimos trabalhando no ajuste de forma que em 2021 ele foi completamente implementado. De que tratava o processo de ajuste?

Em 1993, frente a desvalorização enorme que havia sofrido o peso cubano, criou-se uma dualidade monetária financeira. Ou seja, uma parte da economia começou a funcionar em peso cubano e outra parte em peso

⁵ O mandato presidencial nos EUA termina ao final de janeiro.



conversível, em divisas. Isto foi feito com vistas a ganhar tempo para, em outro momento, planejado para 1998, se fazer um ajuste da taxa de câmbio. Porém em 1997 quando se pensou sobre a unificação monetária, ou seja, a desvalorização, não foi possível fazê-lo. Bom, depois veio a queda das torres gêmeas em 2001 e a situação se complicou ainda mais. Em 2013 finalmente se reconheceu era preciso retomar o tema outra vez, porque o manejo de uma economia que funciona uma parte em peso e outra em dólar estava muito difícil. Não há quem consiga compatibilizar isso por muito tempo.

Ao mesmo tempo, começamos a trabalhar em um processo de investigação sobre como fazer a unificação com a premissa de que "ninguém poderá ser prejudicado". Os custos de uma desvalorização são grandes, porque eles fazem disparar os preços internos e a inflação. Então, seguimos trabalhando em uma linha paralela sobre a reunificação, mas todos estes problemas, Trump, pandemia, etc. nos fizeram postergar o ajuste.

Em 2020 tomou-se a decisão de que se ia entrar em 2021 com uma mudança no sistema monetário e financeiro do país. Eu pessoalmente creio - e disse isso naquele momento - que não estavam criadas as condições para isso, porque a pandemia não havia desaparecido. Mas o que aconteceu foi o seguinte, no segundo semestre de 2020 parecia que a pandemia ia estarrecer, porque os casos de COVI-19 começaram a baixar, o turismo foi reativado, as escolas abriram. Parecia que as coisas tinham voltado à normalidade. Mas em novembro e dezembro daquele ano, se observou novamente um aumento dos casos, porque como havíamos aberto para o turismo, começaram a chegar as novas variantes do COVID-19 em Cuba. Neste caso, a variante delta. Então já se via que 2021 seria um ano complicado novamente por causa da pandemia. Mas isso foi subvalorizado e começamos o dia primeiro de janeiro de 2021 com uma mudança completa de sistema monetário. O peso conversível que tinha uma taxa de câmbio com o dólar de um por um, deixou de existir e o setor da economia que operava com esse câmbio teve de voltar a taxa nacional de 24 pesos por um dólar, ou seja, uma desvalorização colossal!

Isso impactou completamente os preços, o financiamento e o sistema de estímulo para funcionamento das empresas. O mais interessante é que nós dissemos que iríamos compensar esse aumento de preços com um aumento de salários e aposentadorias a partir do reajuste da cesta básica para 1.528 pesos. O que aconteceu? Em agosto de 2021 a cesta básica já não custava mais isso e sim 3.250 pesos. Ou seja, o incremento dos preços passou de longe o incremento que havia sido dado aos salários.



Foi preciso tomar medidas de emergência para fazer os preços caírem. A inflação oficial neste ano foi de 77,3%, mas os cálculos do *Economic Intelligent Unity* apontam para 152%. Outros cálculos também foram feitos e há um consenso de que a inflação foi maior do que o cálculo oficial, porque a Oficina Nacional de Estatística faz o cálculo desde 2010 supondo o consumo de 18% dos produtos e serviços no setor não estatal. No entanto, em 2022, podemos dizer que este consumo gira em torno de 30%. Se você segue ponderando com o modelo antigo, os preços deste setor vão aparecer de forma subvalorizada e isso é o que explica a taxa oficial de inflação desvalorizada. Bom, qualquer que seja a inflação, se sabe que era uma taxa altíssima. Em 2022 houve um aumento de 37% dos preços, em relação a setembro do ano anterior. Ou seja, a inflação seguiu crescendo, não foi possível freá-la.

A inflação não deriva da tarefa ordenamento, mas das pressões que se acumularam ao longo dos anos e que eram compensados com financiamento externo. Ao desaparecer este financiamento externo há um choque de oferta, ela cai e imediatamente... além disso há um excesso de dinheiro em mãos da população, que se soma à inflação importada - porque o resto do mundo também está sofrendo com a inflação. Portanto, são três fatores de inflação, sendo que dois deles é possível manejar internamente, mas o externo não é possível resolver.

Na minha opinião, agora é preciso concentrar os esforços em um programa de estabilização macroeconômica, não podemos seguir com esta inflação, nem com as dívidas externas que não pagamos em 2019 e motivo pelo qual estamos em *default*. Existem quatro elementos que precisam ser tratados de forma imediata e que já se tem avançado, não completamente e tampouco como um programa:

1. É preciso renegociar a dívida externa. Nós precisamos novamente de aportes de capital estrangeiro e para isso é preciso pagar as dívidas passadas. Se não há dinheiro (em dólar) é preciso encontrar outras alternativas: pagar com moeda nacional, trocar *swap* por investimento, comprar dívida com desconto, compensação, e outras variáveis que podemos identificar e que são possíveis no nosso país e que além de tudo, já foram aplicadas no Período Especial. Temos que garantir que de alguma maneira entre dinheiro no país: investimentos ou crédito.

2. Não podemos trabalhar com um mercado interno tão desequilibrado como o que temos neste momento, em que os preços estão disparados e a população está muito afetada. Desde o Período Especial



houve um aumento da desigualdade. O Coeficiente de Gini que era 0,25 em 1992, hoje é superior a 0,45. Ou seja, há desigualdade. Se sabia que isso ia acontecer, mas esperava-se que ela seria mais ou menos controlada por uma série de medidas compensatórias, que começaram a ser implementadas com a Batalha de Ideias. Uma das primeiras medidas propostas para agora é que haja a mitigação da inflação atinja primeiro as pessoas mais vulneráveis.

3. Alimentação. Nós temos que aumentar a produção de alimentos e isso nos levaria a aumentar os investimentos na produção de alimentos. No momento investimos apenas 4 ou 5% do total de investimentos neste setor, porque privilegiamos os gastos com o turismo. Mas agora chegou um ponto em que é preciso atuar em outra direção. Com relação a oferta de alimentos, eu penso que se for oferta nacional, magnífico, se não, temos que importar! O que não podemos é seguir com o nível de consumo que temos neste instante e que está tão deprimido nos últimos anos.

4. Estabilidade energética. Aqui em Cuba tivemos uma programação de cortes de fornecimento de energia elétrica, que afetou muito à população, porque a falta de energia descompensa completamente a vida, uma vez que a sociedade moderna está baseada completamente no consumo de energia elétrica. Imagine: se há um corte de eletricidade e você tem comida na geladeira, é provável que ela estrague e com isso você tem um problema a mais com relação a obtenção de alimentos... Isso deixa tudo mais complicado. Além disso, tivemos a paralização da indústria. Por exemplo, a indústria de metalomecânica, que esteve completamente paralisada, porque a fábrica de barras de ferro gastam aproximadamente 60 mil kw. Isso é o correspondente à eletricidade de todo um bairro! A questão fica a seguinte: ou mantemos a eletricidade para a população ou paramos a fábrica, ou mantenho a fábrica e a população fica sem luz. Não pode ser assim, essa situação tem de ser resolvida. Já se começou a tomar medidas neste sentido e agora em dezembro o número de cortes de energia começou a cair. Neste processo nós tivemos algumas fatalidades, por exemplo, a máquina número dois de uma das plantas que mais gerava energia elétrica quebrou. O reparo deste equipamento custa US\$ 80.000.000! Houveram também dois motores da planta de Mariel queimados. Na verdade, há problemas por toda a parte porque não foram investidos recursos necessários para garantir a manutenção indispensável que permitisse o funcionamento destas plantas elétricas, afinal, todas elas têm mais de 30 anos. A melhor planta que tínhamos, em Matanzas, que gera mais de 250 mw, também está com diversos problemas.



Bom, se soma a isso o fato de que de 2015 para cá caiu muito a entrega de petróleo venezuelano para Cuba, como resposta à crise naquele país. Hoje temos o volume de petróleo que temos é menor do indispensável para Cuba. A verdade é que a Venezuela não conseguiu incrementar substancialmente a produção petroleira, ainda que tenham aumentando a produção a 700 ou 800 mil barris diários, mas o fato certo é que em Cuba não está entrando o petróleo que deveria entrar. Então, pra além da deterioração das plantas, quando estas não estão em mau estado, ainda assim não temos insumos para que elas trabalhem.

Todo esse panorama complicado sofreu alguns grandes choques. O primeiro deles foi a [exploração]explosão de um hotel em Havana, que causou mais de 40 mortes. Houve também um incêndio na principal plataforma de petróleo cubana, que traz óleo ao país em Matanzas, e que teve mais de 16 falecidos. Tudo isso torna as coisas mais complicadas.

A última notícia que nós temos sobre o assunto é sobre [essas visitas na]essa visita à China que o nosso presidente fez nos últimos dias, que tiveram como um tema importante a questão da dívida e da energia. Pelo que foi publicado até agora, foram feitos acordos que permitem primeiro destravar investimentos que estavam em andamento, mas que foram interrompidas por falta de pagamentos.

Em segundo lugar, surgiram novas alternativas para Cuba pagar as dívidas que tem com a Rússia e com a China, que são parceiros comerciais de muita importância para a gente. Além disso, Argélia cancelou os interesses da dívida que temos com eles e postergou a data de pagamento até próximo aviso, o que é uma coisa muito importante porque é uma fonte de petróleo importante para a gente. A Turquia também esteve envolvida em todo o reestabelecimento da geração de energia no país. Nós já temos sete plataformas flutuantes da Turquia que estão ajudando a geração de eletricidade. Ou seja, no tema energético nós estamos caminhando mais rápido do que nos outros setores que eu comentei com você, como o alimento, a inflação e a dívida externa. Nestes setores estamos tratando de ver como fazer para aplicar estas medidas complexas e como vamos criar consenso popular para apoiar-las. Por que se não tem apoio da população, não podemos fazer.

Nos anos 1990, por exemplo, houve um fenômeno chamado de Tribuna Popular em que se discutiu com a população todas as medidas que seriam adotadas para sair da crise. Houveram mais de 530 mil opiniões registradas nessas tribunas. Neste momento eu estava no Ministério de



Finanças e vi serem aprovadas ideias que pareciam impopulares, mas que eram a opinião da maioria da população devido às tribunas, como por exemplo, aumentar os preços e aumentar impostos para o reequilíbrio financeiro.

A situação de agora não atingiu esse nível de consenso, mas justo agora é necessário o consenso. Está previsto que serão realizadas discussões em alguns níveis, mas eu considero que se deve tomar como exemplo os anos 1990 e criar um processo popular em que as pessoas possam expressar sua opinião. Depois a gente vê quais medidas tem apoio e o que não tem apoio para então decidir como implementar estas políticas. Em um país socialista não se trata somente de desenhar as medidas, como também observar se as pessoas as entendem e se as apoiam. Consenso é impossível, vai haver gente que não estará de acordo com nada, mas que talvez poderá considerar como uma medida emergencial e urgente, ainda que considere que não é uma solução. Isso representaria consenso e apoio político.

[Aline Miglioli] Voltando a um tópico que o senhor mencionou, o relacionamento com a União Soviética já em princípios dos anos 1960. Naquele momento, em quais termos estas relações eram indispensáveis para o desenvolvimento cubano? Por exemplo, pode ser que no que compete às relações comerciais, elas de fato fossem realmente inevitáveis, mas e nas outras relações de troca ou na contração da dívida? Em algum momento houve um questionamento sobre os relacionamentos de Cuba com este país ou com aquela região do globo? Bom, ou seja, o que eu quero perguntar é se haviam outras opções e se foram aventadas outras possibilidades e caminhos para Revolução.

Bom, veja. Inicialmente é preciso dizer algo sobre as relações com a URSS: e é inquestionável o apoio que eles deram à Cuba. Eles compensaram a nossa balança comercial em mais de 16 milhões de dólares. Estes foram doados livremente, na forma de crédito ou na postergação dos pagamentos da dívida. Mesmo quando Cuba não pagava uma parte da nossa dívida, eles nunca interromperam as relações comerciais pela falta de pagamento. Eles também nos deram um crédito de mais de 6 milhões de dólares para o desenvolvimento do país. Ou seja, o impacto desta colaboração com os soviéticos é inquestionável.

No entanto, eles tinham uma forma de funcionar diferente e Cuba precisou marcar sua posição, não somente em termos econômicos, como também políticos, por exemplo, com relação à crise dos mísseis de outubro



de 1961. Nós tivemos acesso à informação de que haviam sido instalado foguetes em Cuba para defender-nos pelos países do campo socialista. Para Cuba, neste momento os foguetes eram importantes, mas o mais importante ainda era a resistência da população frente a uma invasão *yankee*. Bom, se aceitou aquela situação dos mísseis, mesmo reconhecendo que ela colocava em jogo a sobrevivência do país, porque com os foguetes aqui imediatamente os americanos iriam preparar o contra-ataque e provavelmente incrementar as pressões sobre Cuba.

A solução encontrada pela União Soviética para o conflito foi fazer um acordo diretamente com os EUA e a retirar os foguetes. As declarações oficiais feitas por Cuba consideraram inaceitável esta forma de proceder da URSS, pois não se podia trabalhar com um aliado que fechasse acordos com um oponente sem a nossa participação. As relações com a URSS demoraram para se reestabelecer novamente e quando Fidel foi para a União Soviética em 1963 houveram conversas longas sobre este ocorrido. Destas conversas também saiu o acordo do açúcar, que nós vimos como uma forma encontrada pela URSS para se redimir deste evento.

Sempre houve pontos de fricção entre Cuba e a URSS, porque a forma de relacionamento da União Soviética com outros estados socialistas implicava uma subordinação que Cuba nunca aceitou.

Houve problemas também no ano de 1968. Neste ano, havia uma facção no nosso governo que provinha do Partido Socialista Popular, que era o antigo Partido Comunista, alinhado à União Soviética. Na verdade, ainda em 1962 foi preciso expulsar da direção do Partido um dos nossos principais dirigentes, proveniente também do Partido Socialista Popular, por manifestações de sectarismo, que consistia no favorecimento do seu quadro, suas ideias, etc. deixando pra fora outras pessoas e outras ideias. A Revolução não aceitou essa prática e em março de 1962, Fidel os tirou do partido.

Porém em 1968 o mesmo fenômeno voltou a aparecer e então as investigações mostraram que se tratava de conspirações contra o país em conluio com a União Soviética. Depois disso veio outro processo de reconciliação, de reaproximação, que resultou na vinda do Brejnev a Cuba. Ajeitaram-se um pouco as coisas no campo econômico e político, mas Cuba deixou claro que nós tínhamos nossas próprias características e que a União Soviética teria que lidar com isso. Foi neste momento em que foi criado este mecanismo de contenção da deterioração dos termos de intercâmbio em



1976. Tudo parecia que ia muito bem na relação entre Cuba e a URSS e de fato foi muito bem até 1986.

Em 86 veio o Gorbatchov e de novo a URSS adotou uma decisão sem consultar Cuba, que foi o rebaixamento dos preços dos nossos produtos. Ele dizia que a URSS já não podia mais gastar com a gente e por isso, abaixaram o preço da tonelada de açúcar, do níquel e dos cítricos. Cuba, logicamente se viu prejudicada. Eu já mencionei que nós perdemos 30% das relações dos termos de intercâmbio com esta decisão. Cuba não ficou tranquila com isso, mas nós sempre nos asseguramos de que nossas discrepâncias se ventilassem de forma privada - e não pública - porque nós sempre fomos conscientes da existência da propaganda antissoviética. Mas nós discutimos aqui todos estes temas. Eu tive a sorte de estar presente em algumas destas discussões e sei como todas essas coisas foram colocadas de forma bem clara.

Quando a União Soviética desapareceu, surgiu na Rússia um governo neoliberal, de Boris Yeltsin, que durou de 91 a 99. Ele herdou as relações econômicas e militares da União Soviética com suas conexões externas. Cuba estava neste campo e eles nos pressionavam neste período, porque eles queriam cobrar a dívida que nós tínhamos com eles praticamente à força. A URSS desapareceu em dezembro de 91 e já em 1992 eles estavam nos cobrando a dívida. A contrarrevolução realmente colocou seu escritório em Moscou, passamos por muitas coisas negativas, mas Cuba simplesmente não se deixou levar. Ademais, como produto da ruptura das nossas relações econômicas sem compensações e sem responsabilidades mútuas - porque nós havíamos incumprido, mas eles também não haviam cumprido - nós tentamos começar um processo de compartilhamento das responsabilidades, mas eles não aceitaram e Cuba passou a cobrar o equivalente a 40 milhões de dólares em compensação.

Há um editorial do Granma de 27 de outubro de 2001, quando o Putin havia acabado de chegar ao poder, em que se reconta toda esta história da relação de Cuba com o então governo Russo, que esteve no poder até 1999. O editorial se chama "*O parrafo infame*", porque a imprensa russa, desde o momento que nós não aceitamos as condições que eles queriam nos impor, começou a dizer barbaridade sobre nós. Neste contexto, o governo Cubano disse um basta. Se você tiver a oportunidade de ler este documento você vai se dar conta de todas as barbaridades que ocorreram durante este governo russo. É um documento bem grande.



Com Putin as coisas começaram a mudar depois de 2007. A política russa durante o mandato de Yeltsin, mas também no primeiro mandato de Putin, de 1999 a 2007 era muito claramente uma política de certa aproximação e convivência com os EUA. Putin, então, se deu conta de que essa postura não valia a pena e na Conferência de Segurança Europeia de 2007 ele afirmou que não seria aceitável o que os EUA estavam fazendo e que a Rússia tinha identificado as manobras do inimigo. Ele se referia ao fato de que os Norte-Americanos e os Europeu começaram a pôr sanções contra a Rússia. Ou seja, esta situação atual que vemos hoje na Ucrânia vêm desde este período, não começaram agora.

A posição com Cuba também mudou, porque você sabe "o inimigo do meu inimigo, é meu amigo", então, este triângulo foi criado. Em 2008, por exemplo, eles deixaram a nossa dívida congelada e nos abriram um crédito de 350 milhões de dólares, que nos serviu pra comprar aviões e outras coisas. Eles mantiveram uma política construtiva e em 2012 começamos a renegociar a dívida. Neste momento eles nos cobravam 35 milhões de dólares. Ou seja, os 20 milhões em 1991 haviam crescido para 35 milhões em 2012. Então, eles nos trouxeram uma proposta aceitável: eles iriam cancelar 90% da dívida e nos davam um prazo de 10 anos para pagar o restante, com um processo de conversão do pagamento em investimentos e com uma taxa de juros baixa. Cuba aceitou estas condições e a partir daí começamos a firmar apoios em outros setores, sobretudo de energia elétrica, que é muito importante para Cuba. Abriu-se então uma etapa nova nas relações entre Rússia e Cuba. Eu acho que poderia ter sido feito mais coisa, mas as coisas moveram-se com certa lentidão.

A posição política de Putin tem sido muito favorável a Cuba, nós acabamos de ver nessa visita do presidente cubano à Rússia. Os russos também têm adotado posições mais flexíveis com relação aos temas econômicos, ou seja, as coisas estão muito melhores pra gente. Rússia não tem um governo socialista, isto está claríssimo, este país está cheio de mafiosos e de uma elite que monopoliza toda a indústria de petróleo. É possível identificar nestas empresas, os interesses das elites. Mas mesmo assim, é com eles que temos que trabalhar. Não podemos neste momento dizer que não vamos trabalhar com eles. Essa é a nossa história com a Rússia.

|Aline Miglioli| Com a China também foi semelhante? Eu imagino que



desde 1960 até agora não houveram muitos contatos com a China, mas atualmente China se diz um país não alinhado aos EUA.

Sim, ela é atualmente um dos principais sócios comerciais do nosso país. China e a Venezuela. Recentemente, a China fez uma transição para uma economia de mercado socialista, é diferente de Cuba, que tem uma economia socialista, que contém um mercado. A diferença entre as ordens das palavras é significativa: no caso Chinês, eles têm uma economia de mercado, mas introduzem elementos do socialismo para regular o mercado, mas a economia permanece essencialmente uma economia de mercado. Cuba não vai por este caminho. Nós temos antecedentes históricos diferentes, nossas relações com os EUA são diferentes e o tamanho da China influencia também nas decisões do que eles podem tomar. As reformas chinesas têm elementos importantes, mas que não são aplicáveis à Cuba.

Então desde o final dos anos 1980, começou um processo de aproximação da China à Cuba. O primeiro chefe de Estado que veio à Cuba durante o Período Especial foi justamente o chinês, o presidente de China, e então deu-se início a um processo de aproximação gradual entre nossos países. Por exemplo, em 1995 a dívida com eles foi renegociada. Na verdade, eles foram sempre muito flexíveis com a gente neste sentido, mas ao mesmo tempo exigentes, porque são uma economia de mercado e não um país socialista.

Eles proclamam o socialismo e pelos mecanismos que possuem tratam de regular os efeitos do mercado para atingir os objetivos do socialismo. É verdade que conseguiram tirar 400 milhões de pessoas da pobreza e que a China se converteu em uma potência mundial. Coisas que mesmo com as deficiências que se pode notar, beneficiaram o mundo e a esquerda no mundo.

Todo esse processo de enfrentamento dos EUA à China, tratando de destruir o seu poder econômico e de destruir militarmente a Rússia, trouxe como consequência alianças estratégicas militares entre Rússia e China. Os imbecis - não se pode referir a eles de outra forma - ao atacar ambos países, simplesmente provocaram a fusão dos interesses russos e chineses.

Aqui no centro de pesquisa, eu sou responsável pelos estudos contemporâneos sobre Rússia e posso te dizer eles levaram tudo de forma muito inteligente. Em 2014, quando houve o primeiro episódio da crise Ucraniana e começaram as sanções contra a Rússia e a oposição à Rota da Seda da China, o Putin logo atendeu às demandas que os chineses tinham com relação à Rússia - que até então estavam bloqueadas por interesses



militares russos. Por exemplo, os chineses têm dependido muito de tecnologia russa para consolidação de seu poderio militar, eles queriam os aviões caça mais avançados que a Rússia tinha. Trata-se do SU35, um caça-bombardeiro de quinta geração, com milhões de funcionalidades. Melhor do que o F22 norte-americano, que é o competidor ao russo.

A Rússia então disse à China "ah, é isso que vocês querem?" Então, o Putin foi à China e levou dois esquadrões do SU35. Se você olha o avião militar mais avançado que os chineses têm hoje, o J20 e o comparar com o SU-57 russo que é o mais avançado da Rússia agora, vai encontrar uma série de coisas similares. Ou seja, não há nada declarado publicamente, mas houve este tipo de aproximação. Os chineses não tinham porta-avião, mas agora já tem dois porta-aviões, sendo que primeiro foi um russo, que foi aposentado pela Rússia e vendido para os chineses. Ou seja, o poderio militar chinês foi fortalecido com ajuda da Rússia. Podemos dizer também que houve uma complementação do poder econômico chinês para a Rússia e de poder militar da Rússia para a China. Ou seja, o tiro saiu pela culatra para os Estados Unidos e o ocidente em geral.

A guerra na Ucrânia não está tendo o efeito que eles tinham programado ou que eles supunham que ocorreria. Isso que está passando agora remete a uma história mais longa. A Rússia tem um passado com a Ucrânia, tem um antecedente maior do que sua relação com os EUA. Além disso, há um documento que revela que foi montada uma operação com objetivo de provocar a Rússia, que foi exatamente o que levou à confrontação militar recente. Nominalmente o ocidente não está participando do lado ucraniano da guerra, ou seja, se supõe que não haja um soldado ocidental na Ucrânia tirando para todos os lados, mas se sabe que o conflito é apoiado pelo ocidente. Agora mesmo se soube que tem caças poloneses na Ucrânia, na defesa antiaérea. Neste momento, tudo que é anti-russo foi mobilizado para frear o poder militar russo e golpear por outra via a China.

Essa é a situação do mundo de hoje e te digo que é complicado, porque deste conflito ao uso de armas nucleares é um passo. Isso já se moveu em algumas ocasiões, mas até agora ninguém decidiu usar armas nucleares, ou seja, estamos em frente a uma nova guerra mundial. Está claro que o conflito na Ucrânia é uma *proxy* da nova guerra mundial, com um governo ucraniano bandido, que também é corrupto. Quando você lê a imprensa capitalista, mesmo ali se questiona sobre o dinheiro que está sendo dado à Ucrânia durante a guerra.



Neste sentido, sabemos que houve um primeiro pacote de ajuda de 40 milhões de dólares que foi dado pelos EUA como um pacote de ajuda civil e militar à Ucrânia. Bom, e o que aconteceu com esse dinheiro? Foi possível comprovar que as armas entregues à Ucrânia estão no Oriente Médio, ou seja, os ucranianos logo as venderam. Isso significa que estamos em uma guerra suja, um conflito híbrido e diferente dos tradicionais. O Instituto dos Estudos Estratégicos Espanhóis tem um estudo sobre isso que eu li há uns dias atrás e que me chamou muita atenção com relação às mudanças geopolíticas, a crise econômica e como estão acontecendo as coisas no mundo. O estudo conclui que tudo mudou muito. Por exemplo, o uso da internet hoje, a cibernética, o espaço virtual, o uso da computação mudaram muito a forma de fazer guerra.

[Aline Miglioli] Ainda sobre a China. Nós, latino-americanos temos também um olhar crítico à nossa relação com a China. Porque a China compra setores que são muito estratégicos para nossa economia. Claro, fomos nós que colocamos a energia e as telecomunicação à venda, mas ainda assim nos sentimos ameaçados após a compra destes setores por outro país, que é uma potência mundial. No caso de Cuba, como são as relações econômicas do país com a China? Existe a perspectiva de parceria nestes setores? Ou elas se centram nas relações comerciais e empréstimos?

Nós compramos de tudo da China, desde a remédios até livros. Bom, isso significa que são relações comerciais que podemos enquadrar como "normais", sem tratamentos especiais. Não é semelhante ao que acontecia com a URSS, agora nós temos que pagar e se nós não pagamos depois temos dificuldades para continuar os negócios.

Os chineses não desenvolveram um fluxo de investimentos forte em Cuba, nós temos mais investimentos cubanos na China do que investimentos chineses em Cuba. Nós temos a produção de medicamentos na China, biotecnologia na China, turismo na China... e os chineses somente fizeram investimentos pequenos em Cuba. Agora mesmo, estão terminando a reforma do porto de Santiago de Cuba e outros investimentos menores no arroz, mas não no nível do potencial que a China tem. Tudo isso está sendo revisto neste momento, mas os chineses sempre justificam dizendo que acham a força de trabalho cubana muito cara e que eles não poderiam trabalhar sob estas condições. Isso foi dito por eles aqui na embaixada. E isso



é verdade, porque Cuba cobra por sua força de trabalho o valor referente ao custo internacional da força de trabalho e não ao custo interno. Um engenheiro cubano contratado por investidores estrangeiros, lhes custa o equivalente ao custo de um engenheiro internacional. Ou seja, se no mundo, se cobra USD 2000 ou USD 3000, aqui em Cuba tem que se pagar o mesmo. E tem que pagar em moeda nacional, por isso acaba ficando mais caro mesmo.

Esse é um grande debate inscrito na discussão sobre os desafios ao investimento estrangeiro em Cuba. Argumenta-se que se o investidor tem que comprar mão de obra através desse - digamos - monopólio da contratação da força de trabalho em Cuba - o Estado - e isso acaba por afastar o investidor. Agora estamos fazendo o cálculo sobre quanto isso está nos custando em termos monetários. Bom, mas isso é outra história.

Em conclusão, os chineses não têm investimentos grandes em Cuba. No entanto, há o potencial para novos investimentos, mas seria preciso modificar esta e outras regulações para que os chineses se interessassem em fazer investimentos por aqui.

|Aline Miglioli| Eu queria voltar agora ao tema do Período Especial. Quando nós estivemos falando sobre o assunto, o senhor disse que a saída do Período Especial se deveu principalmente ao investimento estrangeiro e ao turismo, mas sabemos que o investimento estrangeiro não se desenvolveu como planejado por estes motivos que o senhor me contava agora. O setor turístico, por sua vez, se desenvolveu nos últimos anos, mas muito tem se discutido sobre a forma de desenvolvimento deste setor e suas consequências. Eu gostaria da sua apreciação sobre o desenvolvimento do setor turístico, o que foi positivo, o que foi negativo, o que se aprendeu, quais são os desafios agora para Cuba.

De fato, o plano de investimentos tem privilegiado o turismo desde 1990 e houve bilhões de dólares investidos em hotéis. Cuba adotou uma política de que os hotéis sejam de propriedade nacional, ainda que as operações se deem através de contratos de administração com cadeias estrangeiras. Isso é assim por uma razão óbvia: nós não temos capacidade de transporte internacional, nem agência de turismo no exterior, como existe, por exemplo, para as cadeias hoteleiras espanholas, que são uma das



principais operadoras aqui no país. Com relação a isso, não creio que eu tenha muito o que discutir.

O que está em discussão é a expansão do investimento em turismo nos últimos anos apesar das circunstâncias. O turismo levou neste último ano 35% dos investimentos feitos no país. Há uma certa desproporção com relação a este valor, que tem sido discutido na imprensa milhões de vezes. A questão é que se está criando capacidade hoteleira para a expansão do turismo. No entanto, atualmente, sem a construção de nenhum hotel nós já temos capacidade para 7 milhões de pessoas, e neste ano o turismo vai encerrar com 1,7 milhões de visitantes. Ou seja, não vamos chegar nem à meta de 2,5 milhões de turistas. Por isso se discute muito para qual mercado, para qual volume de fluxo de turistas se está fazendo esta política? É preciso recuperar esses investimentos, porque eles são bem caros. A construção de um quarto de um hotel de luxo em Havana sai por USD 250.000. Não é qualquer coisa... Esta discussão está sendo feita hoje e eu espero que algum dia isso tenha algum ajuste, porque realmente o turismo consome muitos recursos e não podemos seguir com 35% dos investimentos no turismo, enquanto a agricultura segue com 4% dos investimentos, quando nós necessitamos produzir alimentos, inclusive para o próprio turismo!

|Aline Miglioli| Ainda no assunto das mudanças recentes, no ano passado muito se discutiu sobre a abertura das pequenas e médias empresas privadas em Cuba. Falou-se muito de que não era possível operar apenas através do trabalho cuentapropria, por isso a necessidade das empresas. Nós queremos saber, como é possível pensar o papel destas pequenas empresas privadas no objetivo de construção comunista. Porque se estamos falando do modelo cubano de socialismo, então como pensar esta pequena empresa no modelo cubano?

Cuba chegou a uma conclusão de que uma coisa é o objetivo desejado e outra coisa é o que é possível. A primeira coisa que preciso te dizer é que nós não estamos no comunismo e nem sequer no socialismo, estamos em um processo de transição para podermos chegar a eles. Neste processo de transição há forças que operam para a determinação e influência do mercado, que existem objetivamente na realidade. Ou seja, pode ser que a gente não deseje ter um restaurante privado ou uma empresa de construção privada, porque prefere que o Estado promova estes serviços. Mas, o problema é que muitas vezes a empresa mais eficiente não é



a do Estado ou então a que tem preços mais competitivos não é a estatal ou ainda pode ser que o Estado não tenha recursos para promover estas empresas, porque o setor privado em Cuba é financiado fundamentalmente de remessas internacionais⁶ e o Estado não tem acesso a estes recursos. As remessas cresceram nos últimos anos e chegaram em algum momento, seguindo um cálculo dos próprios EUA, a um valor de 3 bilhões de dólares! Calculou-se que 50% das remessas corresponde a capital para financiamento das iniciativas privadas. Ou seja, eles têm uma fonte de financiamento que o Estado não possui.

Por outro lado, a gestão de um negócio privado não é mais eficiente *per se*, mas é evidente que tem mais espaço para mover-se com maior flexibilidade do que a empresa estatal, que não se flexibilizou nos últimos anos. A melhor forma de regular o setor não-estatal é com o setor estatal, que coloca as regras para se caminhar em determinada direção.

Atualmente há mais de 1.300.000 pessoas empregadas no setor não estatal, que inclui as cooperativas não agropecuárias, de serviços, a cooperativa de produção agropecuária, a Unidade Básica de Produção Cooperativa, as cooperativas não agropecuárias e as pequenas e médias empresas. Há um setor não-estatal grande neste momento em Cuba!

Foi preciso abrir ao setor privado e reconhecer esta realidade para avançar ao socialismo, mesmo sabendo que isso geraria custos no curto prazo que teríamos que bancar. O Fidel nos explicou muitas vezes durante o Período Especial que esta solução não era a ideal, mas era o que tinha que ser feito. Foi preciso, então, convencer as pessoas de que nem tudo poderia ser estatal, porque o Estado não era tão eficiente. Essas discussões aconteceram há mais de 30 anos e hoje se tomou a decisão de converter os trabalhadores por conta própria em pequenas empresas. Atualmente 60% das pequenas empresas são de trabalhadores por conta própria que no exercício de sua atividade autônoma já funcionavam com uma empresa, elas se enquadravam institucionalmente como um negócio familiar, apesar de terem 10 ou 20 familiares empregados. Ou seja, já era uma empresa, pequena, mas uma empresa. O que foi feito em 2021, foi somente o reconhecimento desta empresa enquanto tal.

Na minha opinião, o reconhecimento caminhou mais rápido do que a implementação de instrumentos para regular este setor e para permitir que

⁶ Diz respeito às remessas enviadas por cubanos residentes no exterior as suas famílias em Cuba.



elas atuassem junto a empresas estatais, o que seria fundamental na situação que estamos vivendo hoje. Por exemplo, nós já temos quase 6.000 pequenas e médias empresas, mas quando você vê a composição destas empresas e como elas atuam no mercado, percebe que há muitas que funcionam para comercializar e não para produzir. Há empresas que tem como função social a produção de cerveja, mas não há como produzir isso aqui agora, então na realidade elas importam cerveja para vender no mercado interno, uma vez que há uma demanda muito forte por cerveja no mercado interno, já que não há produção nacional. No setor da construção há pequenas empresas, mas é uma gestão de risco e que demanda capital.

Nós precisamos finalmente entender que estas empresas funcionam de acordo com a lei de mercado e temos que tratar de regular essas leis, se não para que foram criadas? Essa é a contradição entre o que eu queria que fosse, os princípios gerais de equidade no socialismo e a realidade.

Eu considero que na nossa situação é preciso trabalhar de forma pragmática sem fazer concessões aos princípios. Inicialmente dissemos que não íamos privatizar as empresas, mas tivemos que reconhecer que existe este espaço para as relações mercantis. Custou e ainda custa muito trabalho explicar isso, porque as pessoas dizem que não é possível isso no socialismo, o socialismo não pode ser assim, etc. Bom, o socialismo requer desenvolvimento e se você não tem desenvolvimento, como você pode pedir coisas que não existem? Nós aqui distribuimos mais do que o que criamos, essa é a verdade. É preciso ajustar isso e para tanto é preciso mudar a mentalidade das pessoas, porque elas se acomodaram neste papel de consumidor. O Estado estava cobrindo necessidades de todos pela via assistencial e pelos subsídios, mas algumas destas políticas não são sustentáveis. Por exemplo, se uma pessoa é pobre, nós devemos compensá-la por isso, pode ser que ele tenha uma doença cardíaca, não tem família ou alguma coisa assim..., mas neste caso trata-se de não dar o subsídio ao produto e sim à pessoa. Repito, é preciso subsidiar a pessoa, porque é óbvio que não deve haver subsídio pra todo mundo, principalmente se tem gente que já é milionário.

O que impede essa mudança é que nós cubanos sempre achamos que a mudança vai ser difícil e complexa e no fim esse é um jeito muito lento de mudar as coisas. Por outro lado, tem decisões que são tomadas de forma muito rápida e muito mal pensadas, como é o caso do mercado cambiário. Nós cubanos somos de extremos, tem gente que diz: os cubanos ou não chegam ou passam do ponto.



[Aline Miglioli] Para encerrar eu queria saber para você qual é o maior desafio do socialismo neste século, porque evidentemente não é o mesmo do que foi para a Revolução Cubana em 1959. O mundo mudou, as relações mudaram, temos a internet, comunicações, nossos países estão totalmente dependentes das finanças. Então para nós que estamos tentando fazer uma Revolução neste contexto, qual é o maior desafio que podemos esperar?

O primeiro ponto é saber claramente quais são as forças que o capitalismo possui neste momento. Essa mística de que o capitalismo vai acabar por si mesmo, por suas contradições... isso não vai acontecer. O capitalismo tem uma capacidade de resistência e uma capacidade de flexibilizar-se para se adequar a determinadas circunstâncias e para influenciar inclusive na mente das pessoas. Isso é o que foi feito através do Bolsonaro no Brasil, o que de forma nenhuma deve ser considerada desprezível.

No Brasil a força da esquerda ficou atrás de Bolsonaro e caímos no discurso da corrupção. Essas formas de exercer poder que são aparentemente democráticas existem, por exemplo, no caso dos *impeachments*, como aconteceu com Cristina [Kirchner] na Argentina, com Pedro Castillo no Peru e o que passou com Lula no Brasil. Isso significa que a direita está aplicando repressão por "vias legais". Estes são novos mecanismos de dominação.

Nós da esquerda não fomos suficientemente inteligentes para nos darmos conta de que isto estava acontecendo e que por tanto, os métodos de luta para enfrenta-los não poderiam ser os mesmos do passado, é preciso que haja uma visão mais objetiva das possibilidades de um trânsito ao socialismo nas condições atuais, é muito mais complexo do que antes e temos que aceitar isso. O inimigo também mudou, se posicionou, tem efetividade naquilo que está fazendo e o socialismo, lamentavelmente ou teve que tomar um caminho intermediário, como é o caso da China e do Vietnam ou simplesmente não é suficientemente eficiente para que se possa dizer "olha, esse modelo que aqui está funcionando a mil maravilhas".

Claro que, sempre vai haver julgamentos com relação ao modelo, por isso eu digo sobretudo aos norte-americanos que vem pra Cuba e que nos perguntam "porque vocês não fazem assim? É mais eficiente desta forma, etc. etc.". Sim, mas e o bloqueio? É uma bobagenzinha? Olhem por vocês



mesmo este bloqueio. Isso corresponde a uma guerra que dura já sessenta anos. As pessoas tem na cabeça o bloqueio como algo que existe assim como o sol que sai todos os dias no céu e isso logicamente nos vai eliminando nossas oportunidades e nos resignando em relação a determinadas mudanças que teremos que fazer. É preciso reconhecer que determinada ação que pode ser potencialmente inimiga, hoje joga um papel positivo e, por isso, é preciso adotá-la, não há o que fazer.

Hoje se discute muito se as MYPMES⁷ são um mal necessário ou um elemento complementar do socialismo. Eu digo que os dois. Se nós pudéssemos ter empresas estatais eficientes, não haveria espaço para as MYPMES, elas desapareceriam sozinhas. Mas não é assim. A MYPMES tem um sistema de funcionamento que não é o mesmo do Estado. O Estado depende de um recurso de investimento e precisa competir com a comida, com a energia, com a medicina, tudo que o Estado tem em suas mãos. As pequenas e médias empresas não tem nada a ver com isso, elas recebem mil dólares por dia e funciona a mil maravilhas. É preciso reconhecer esta realidade.

Por um tempo nós dissemos que não admitiríamos remessas, não admitiríamos empresas deste tipo, então a história nos mostrou o quão eficiente o Estado foi no socialismo. Hoje em dia nós estamos neste caminho de reconhecer uma série de erros, por exemplo, que a Tarefa Ordenamento não foi bem feita, que havia uma outra forma de fazer esta ação. Houve erros de desenho e de implementação, as duas coisas. Precisamos reconhecer isso.

No mercado cambiário acontece o mesmo, temos problemas de desenho e de implementação, porque uma coisa é o que você quer que aconteça, outra coisa é o possível de acontecer. O que é possível fazer hoje, os objetivos que se pode chegar com uma política, tem que fazer parte da realidade. Uma das grandes doenças do socialismo é o socialismo utópico "isto devia ser assim, tinha que ser daquele outro jeito" ...nós fomos fazendo e vendo onde é que nós chegaríamos. Mas hoje temos que viver, sobreviver.

Sempre que tem essas discussões sobre mudanças a pauta fica nestes termos "temos que fazer assim, temos que fazer do outro jeito" e sempre me pergunto "tá bem, mas como fazemos pra comer?" O mesmo acontece com a termoelétrica, sempre a discussão vai na direção de que temos que parar tudo e fazer uma reabilitação dos equipamentos... e aí fica a questão: de

⁷NT: Pequenas e Médias Empresas.



onde saí a eletricidade enquanto você faz tudo isso? Se você para tudo, de onde sai a eletricidade? Isso tudo supondo que a gente tenha recurso pra fazer os reparos né?

Por último, é uma batalha entre o ser e o poder. Eu quero ser assim, quero ser justo, quero ser equitativo, próspero e sustentável. Mas, nesse caminho, pra chegar aí, de onde devo partir? Como faço? Esse ponto de partida, infelizmente - e não por culpa do socialismo - tornou-se muito complexo hoje em dia. Porque tampouco o socialismo criou a crise mundial e tampouco criou a COVID-19 e nem a guerra da Ucrânia, mas essas coisas estão aí. Existem. Não se pode dizer "nada disso existe, vou me abstrair de tudo isso e vou por esse caminho", você vai é meter a cara no poste no meio deste caminho!

Eu reconheço que é muito duro isso de postergar os sonhos e ter que admitir que é isso que conseguimos fazer hoje e não podemos aspirar a mais porque não temos força. Fidel dizia "conceber uma utopia e sonhar com ela é em certa forma criá-la". Eu penso que assim deve ser, temos que avançar um pouquinho por aqui, um pouquinho por lá e estar disposto a assumir um tremendo desafio. Outra frase do Fidel que eu tenho no meu livro sobre a transição "os tempos difíceis, são os tempos difíceis". Tem gente que renuncia, tem gente que se converte em inimigo da ideia, tem gente que se vende... é doloroso, mas é assim. Por outro lado, tem gente que é revolucionário, que resiste, etc. E é com essas pessoas que temos que trabalhar! **| FIM |**

15 de dezembro de 2022.

Centro de Estudos de Economia Mundial, Miramar, Havana, Cuba.

